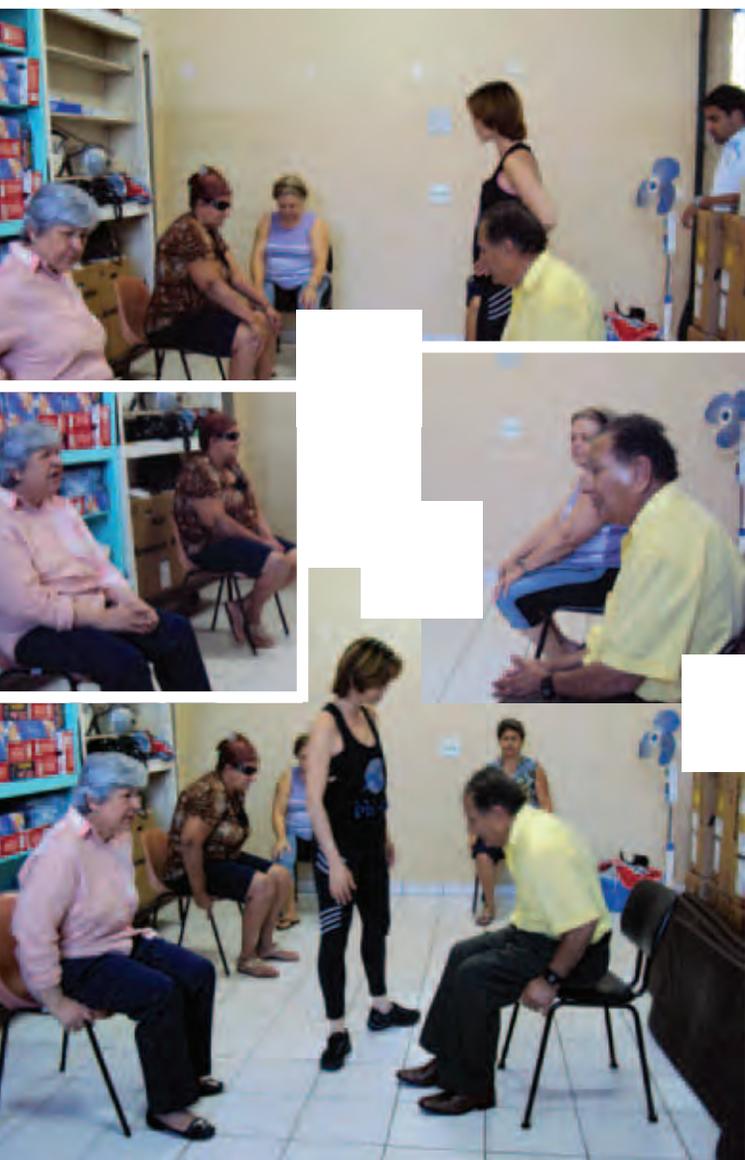


# Apurando os sentidos através da dança

**Projeto utiliza dança como instrumento de socialização e desenvolvimento motor para deficientes visuais.**

AO SOM DO FORRÓ, ALGUNS PARES DANÇAM em uma sala, mostrando os passos que aprenderam, ensaiados minutos antes: dois pra lá, dois pra cá, tudo ao ritmo característico do Nordeste. O lado inusitado desta aula de dança de salão é o fato de que todos os dançarinos são deficientes visuais.

Esta é a descrição de um dia comum de atividades do projeto Dançando no Escuro na Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente (SP). Criado em 2003 pela profissional Dulce Cintra (CREF 079834-G/SP), o Dançando no Escuro tem por objetivo utilizar técnicas de dança para que os deficientes visuais conheçam as capacidades de seu corpo em relação ao espaço que os cerca, contribuindo para que adquiram noções espaciais e aprimorem suas habilidades físicas e motoras. “A dança contribui para a discriminação da lateralidade, controle, equilíbrio e coordenação geral”, completa Dulce, que ensina dança de salão desde 1994. A opção por trabalhar com um grupo específico – os deficientes visuais – veio por sugestão de uma amiga. “Foi num convite de uma amiga, em uma conversa informal, que surgiu a ideia da dança de salão como forma de inclusão social, bem como o resgate da autoestima. Aí eu topei o desafio, pois nunca havia tra-



balhado com deficientes, mas a ideia me atraía muito”, relembra.

Hoje, o projeto conta com 23 adultos que frequentam as aulas de dança de salão, além de exercícios com o método Pilates. Oito crianças participam de aulas de Dança Educativa com o objetivo de avançar o desenvolvimento motor. “Muitos, quando estão prontos, são inseridos na escola normal, e aí deixam de frequentar a associação”, conta.

Para ensinar dança, Dulce movimentava os pés dos alunos enquanto eles estão sentados, de forma que memorizem a sequência e o ritmo de cada passo. Depois que eles já estão executando os passos sozinhos, é hora de formar os pares e experimentar a dança a dois. “Mudar o jeito de ensinar é questão primordial, como falar, como tocar, pois

os olhos deles são o toque. É assim que veem o mundo: pelas mãos, pela ponta dos dedos, pelas sensações táteis”, relata a profissional.

O Dançando no Escuro passou a ser um projeto de extensão da Unoeste, e, com isso, Dulce pode contar com o apoio de monitores e estagiários. Em setembro, receberá o certificado de Projeto Destaque do Prêmio Top Educacional Mário Palmério 2011, da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior. É um reconhecimento oficial a um trabalho que já conta com o reconhecimento mais importante de todos: o de seus beneficiários. “Eles se mostram abertos às mínimas coisas e ações transmitidas, cada música tocada que termina é um aplauso. É sempre uma alegria que contagia ver o entusiasmo destas pessoas”, comenta Dulce. ❖

